

**TERRA E HUMANIDADE: HUGO BLANCO - DA LUTA PELA REFORMA
AGRÁRIA À DEFESA DA ESPÉCIE HUMANA**

Vanderlei Vazelesk Ribeiro

Unirio

Resumo: Neste trabalho discutiremos a atuação do dirigente camponês Hugo Blanco que, desde a década de 50, milita em movimentos camponeses no Peru, tendo também importante participação, tanto nos círculos trotskistas internacionais, como nos atuais movimentos indígenas e ambientalistas. Avaliaremos sua luta nos anos 60, os anos de prisão, exílio e volta ao Peru, assim como, a sua atuação ao longo da década de 80, o novo exílio e sua identificação com questões indígenas e ambientais desde o fim do século XX.

Palavras-chave: Hugo Blanco, Reforma Agrária, Questão indígena, Luta Ambiental

Abstract: In this article, we will discuss the action of peasant leader Hugo Blanco, who has been in Peruvian's peasant movements since the 1950s. He has also played an important role both in international Trotskyist circles and in the current indigenous and environmental movements. We will discuss Blanco's struggle in the 60's, his years of imprisonment, exile and his return to Peru, as well as his action throughout the 80's, his new exile and his identification with indigenous and environmental issues since the end of the 20th century.

Keywords: Hugo Blanco, Land Reform, Peruvian indigenous issues, Environmental movement

Introdução: o tema da Biografia

“A Humanidade pode sobreviver sem engenheiros, mas não resiste um mês sem camponeses”. [Hugo Blanco em depoimento inédito ao grupo de pesquisadores liderado pelo Professor Fábio Luiz Barbosa dos Santos. Lima, sede da Confederación Campesina del Perú, , 22 de julho de 2015].

O tema das biografias causou bastante polêmica entre os historiadores. Depois da emergência da Revista Anales e do grupo que se formou em torno dela a partir de 1929, quando o que se propunha era a história social, o mais abrangente possível, o gênero biográfico ficou marginalizado por estar associado ao político, ao individual, aos grupos dirigentes, quando o que se quis, em linhas gerais, foi cada vez mais estudar o coletivo em estruturas, que passavam pelo econômico, pelo social, e no fim dos anos 60 pelo que se chamava de mentalidades, passando mais tarde para os estudos de cultura. Para certa tradição marxiana, o biográfico ficou também associado a uma certa louvação aos detentores do poder político. O chamado retorno da história política nos anos 80, quando René Rémond procurava legitimá-lo lembrando que o político também poderia oferecer visões acerca das grandes estruturas, possibilitou à biografia mais espaço na cena historiográfica. Nos dias atuais, este gênero vem ganhando bastante expressão, não apenas entre jornalistas como Lira Neto e sua trilogia a respeito de Getúlio Vargas, mas também entre historiadores como Anita Prestes e Daniel Aarão Reis, que escreveram obras biográficas a respeito de Luiz Carlos Prestes. A importância social do gênero mostra-se na batalha que, afinal, está ganha com a decisão do Supremo Tribunal Federal em permitir biografias não autorizadas, embora no Senado o projeto de lei que as legitimava tenha contado com a resistência do polêmico senador Ronaldo Caiado, que apresentara emenda permitindo a proibição de biografias depois da publicação, se o biografado ou seus herdeiros se sentissem atingidos.¹

O que vamos fazer aqui pode ser visto como um ensaio biográfico. Discutiremos a atuação do líder revolucionário Hugo Blanco, militante desde a década de 50 nas fileiras do movimento camponês. Nosso olhar estará voltado para seu envolvimento nas lutas camponesas, indígenas e ambientalistas, embora também venhamos a refletir na última seção deste trabalho sobre seu pensamento, muito influenciado pelos neozapatistas mexicanos. O leitor só encontrará referências à vida pessoal de Hugo em casos relevantes para a discussão aqui desenvolvida.

Para realizar este trabalho contaremos com entrevistas que vimos realizando com Hugo desde 2013, com um depoimento dele ao grupo liderado pelo Professor Fábio Luiz

¹ Sobre o retorno da História Política ver: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. Quanto à polêmica em torno das Biografias ver por exemplo: Comissão aprova Biografias não autorizadas sem emenda Caiado. Folha de São Paulo, 08-10-2015, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/1653244-comissao-do-senado-aprova-projeto-pro-biografias-sem-emenda-caiado.shtml> acessado em 21 de abril de 2017.

Barbosa dos Santos², escritos do próprio Hugo, bem como obras acadêmicas ou não, produzidas sobre a questão agrária peruana.

Inicialmente discutiremos sua imersão no movimento trotskista, passaremos pela luta coordenada por ele em La Convención, Região de Cuzco, o acompanharemos rapidamente na saga pelos exílios no Chile de Allende e na Suécia. Depois avaliaremos sua ação parlamentar nos anos 80, refletiremos sobre seu acionar nas ocupações de terra de Puno na mesma década e seu novo exílio no início dos anos 90. Finalmente, analisaremos sua militância atual, indigenista e ambientalista, muito influenciada pelo neozapatismo. Hugo afirma que o problema está não só na luta pela terra, mas na luta pela Terra, ou melhor, contra o aquecimento global, que pode simplesmente extinguir a vida humana no Planeta. Vamos, então, acompanhar a longa trajetória de Hugo Blanco, partindo dos Andes peruanos e retornando a eles, passando por tantos lugares e retornando a eles, agora resgatando a perspectiva indigenista.

1 – Do Trotiskismo à Reforma Agrária: Hugo Blanco e a Identidade Campesina

“Eu não fiz a reforma agrária, quem a fez foi o povo. Não creio em dirigentes”.

[Hugo Blanco – La Verdadeira Historia de la Reforma Agrária. Lima, Lucha Indígena, 2014]

Hugo Blanco Galdos nasceu em Paruro, Departamento de Cuzco, em quinze de novembro de 1934, filho de D. Angel Miguel Blanco, um advogado, e Dona Victoria Galdos, uma pequena fazendeira. Teve dois irmãos: Oscar, agrônomo, e Luche. De sua infância pouco nos conta, embora nos explique que estudou em escola pública. Transitou sempre com facilidade entre as culturas quéchua e hispânica, já que seus pais falavam o Quéchua em casa. Aos dez anos de idade veria a cena que o marcou e que, no dizer de Eduardo Galeano, o fez escolher sua desgraça: um fazendeiro, um gamonal (o equivalente peruano dos coronéis brasileiros), marcou com ferro em brasa as nádegas de um índio. De acordo com Hugo, esse fato marcaria sua opção pelos despossuídos e seu desejo de justiça. Sua iniciação política deu-se a partir dos irmãos, que militavam nas fileiras da

² O professor lidera o Grupo Realidade Latino-americana, que viaja por países de “nuestra América” desde 2014. Nestas viagens o grupo entrevista lideranças de movimentos sociais atuantes nas pátrias por onde caminha. No Peru Entre outras pessoas foram entrevistados Hugo Blanco e o ex-senador Andrés Luna Vargas, dirigente da Confederación Campesina Del peru.

Aliança Popular Revolucionaria Americana (APRA), que tinha originalmente uma proposta rupturista defendendo a reforma agrária e a nacionalização de empresas estrangeiras, especialmente as mineiras, valendo lembrar que parte desse programa seria aplicado pelo regime velasquista ao final dos anos 60. Blanco lia Mariátegui, o Antiimperialismo e o APRA do lendário Victor Raúl Haya de La Torre, alguns escritos de Manuel González Prada, teórico peruano do século XX. “Líamos sem método, já que nenhum universitário nos ajudava, pois tinham medo de que a repressão se abatesse sobre eles.”³

Sua militância mais aguda começa na Escola secundária, o equivalente ao nosso ensino médio. O ditador Manuel Odría nomeara uma série de diretores para os Colégios nacionais. Um deles, muito abusivo, viu uma greve de estudantes estourar em sua escola em 1951, e o governo central enviou um inspetor para verificar o que ocorria. Os alunos protestavam contra o aumento do horário de castigo, que passara de uma para duas horas além do período da aula. Os protestos acabaram resultando na demissão do Diretor.

No ano seguinte, Blanco participa das lutas contra o reitor da Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Foi aliás neste momento que recebeu a primeira bomba de gás lacrimogêneo. O Reitor se suicidou.

Em 1953 viajou para Buenos Aires a fim de unir-se ao irmão Oscar, que já estudava agronomia. Perguntei-lhe porque não faziam o curso em Lima, mas explicou-me que apesar de ter de ir a Buenos Aires, por terra, através da Bolívia, ainda ficava mais barato do que estudar em seu país. Recordo como o impressionou, ao passar por La Paz, sob o impacto da Revolução de 1952, ver tanta literatura socialista e comunista nas bancas.

Chegando à capital portenha, Hugo dividiu seu tempo entre o começo dos estudos de agronomia e a militância na célula aprista de Buenos Aires. Entretanto, o APRA se diretizou na expressão corrente. O partido organizara duas insurreições, em 1932 e 1948, contando com apoio de baixas patentes das forças armadas. Isso lhe valera a estigmatização por parte da alta oficialidade. Haya de La Torre permaneceu seis anos na embaixada da Colômbia, em Lima. Livre em 1954 comandou um processo de aproximação com a oligarquia, que resultaria na **Convivência** aliança entre apristas e

³ Blanco, Hugo. Entrevista Inédita ao autor, dez de agosto de 2016. Sobre o episódio da marcação do índio ver: CUNEO, Martín. **Las Diez Vidas de Hugo Blanco**. Lima: Viento Sur, No. 117, julio 2011, P: 2. Segundo Blanco o que mais o afetou foi a impunidade do fazendeiro.

oligárquicos que durou desde a restauração da democracia liberal, em 1956, à sua derrocada, em 1968.

Hugo desencantou-se com o APRA e, segundo ele, seu irmão já o havia vacinado contra os comunistas, alertando para sua posição ambigua, hora apoiando o peronismo, hora unindo-se à direita argentina, mesmo que isso contrariasse os interesses dos trabalhadores. Procurando apistas rebeldes, o que encontrou na Argentina foi peruanos engajados no Partido Obrero Revolucionario, o POR, que já tivera uma pequena expressão no Peru.⁴

Se a vida partidária se encaminhava, a escolar se interromperia. Vivia-se na Argentina o crescimento da oposição antiperonista, numa frente que unia católicos e militantes do PCA, além dos liberais econômicos. Segundo Blanco, a classe média estava toda com o golpe, e a Faculdade de Agronomia era basicamente de classe média. Hugo também pensava em seu futuro pessoal: Como agrônomo, acreditava que acabaria trabalhando para um daqueles ‘fazendeirões’ que marcavam índios. Deste modo, o remédio foi deixar a Universidade e mergulhar de cabeça na militância. “Pedi a meu pai, que não me mandasse mais dinheiro. Com o que um obreiro ganhava em Buenos Aires naquela época, eu me aguentaria.”

Foi trabalhar na Armour, ligada ao ramo de carnes, e o compromisso com o partido (ainda era aspirante a militante) era de que se perdesse o emprego, voltaria para casa a fim de reorganizar o POR em Lima.

Com a vitória do golpe militar contra Perón, em setembro de 1955, e a sua demissão, Blanco regressou ao Peru com a missão de se empregar em fábricas. Duro era conseguir uma fábrica para trabalhar em Lima. As “indústrias” pareciam oficinas artesanais com poucos empregados, tornando muito difícil qualquer militância. Finalmente, conseguiu uma fábrica de azeite onde pudesse trabalhar e militar.

A partir de 1956, face à eleição direta do presidente Manuel Prado, houve um clima menos repressivo no país. Os comunistas começaram a ativar lutas camponesas na Serra, reestruturando a Confederación Campesina del Perú, (CCP). Na Costa, os apistas articularam greves nas fazendas açucareiras, culminando na criação da Federação Nacional de Campesinos (FENCAP) em 1957.

⁴ Sobre o processo de direitização do Apra ver: COTLER, Julio. **Peru: Estado, Classe e Nação**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2006. Sobre as andanças de Hugo por Buenos Aires, CF: CUNEU, Martín. **Op. Cit.** p. 3-4.

No ano seguinte, Hugo e seu POR, participaram de uma grande manifestação contra a visita do vice-presidente dos Estados Unidos da América, Richard Nixon. Sem condições de permanecer em Lima, Hugo voltou ao Cuzco nativo. Lá organizou os pequenos jornaleiros, que trabalhavam em condições muito duras, junto ao Diario, El Comercio, onde sua irmã trabalhava. Entretanto, sua militância trotskista dificultava seu relacionamento com a Federação de Trabalhadores de Cuzco, vinculada ao Partido Comunista pró-soviético. Preso, ainda que por vinte e quatro horas, Hugo conheceu Andrés González, um advogado de camponeses que estava preocupado pela repressão, que se desencadeava em La Convención, província de franja de selva. Três dirigentes já estavam detidos, e o advogado temia a desmobilização do movimento incipiente.

La Convención era uma província localizada em áreas mais baixas que a serra e próximas à selva Amazônica. O governo peruano cederá terras consideradas vazias a dez centavos o hectare. Isso facilitou, sobretudo, a aquisição das mesmas por fazendeiros serranos, com a intenção de plantar café, cacau e coca. Os índios Machiguenga, que habitavam aquela zona, sendo ignorados pelo poder de Estado no momento de cessão das terras, fugiam espavoridos para selva Amazônica, rejeitando as duríssimas condições de trabalho impostas pelos fazendeiros. Blanco recorda: doze horas de trabalho no caso dos “assalariados”, não havia contratos escritos, o arrendatário tendo de ceder dias gratuitos em troca de um pedaço de terra, como no cambão do Nordeste brasileiro, denunciado por Francisco Julião na mesma época. Além do mais, os abusos eram graves: em muitos casos, o patrão permitia-se desfrutar sexualmente de mulheres e filhas do camponês, e de castigos como fazer o roceiro andar de quatro com a carga nas costas.

Entretanto, salientemos a rede de relações estabelecidas: O arrendatário muitas vezes recebia uma faixa de terra grande e necessitava de gente que para ele trabalhasse. Seriam os Alegados. Estes, às vezes, conseguiam outros que para eles trabalhassem, e assim por diante. Blanco foi trabalhar com um arrendatário de Alfredo Roman Ville, um fazendeiro que não aceitava questionamentos: “A quem ocorreu a loucura de dizer-me como meus índios devem servir-me?! Estes agitadores tem de ir para a cadeia!”

Apesar das dificuldades, foram-se fundando sindicatos distritais, a federação de camponeses de la Convención, e a Federación Departamental de Camponeses de Cuzco. Inicialmente seguiu-se a linha que os PCS adotavam em tantos países da América Latina: a negociação com os patrões, a fim de estabelecer regras menos duras de trabalho como, por exemplo, menos dias de trabalho gratuito.

Entretanto houve um momento em que não havia negociação: o despejo. Muitas vezes, o camponês estava encarregado de plantar cultivos que levam três ou quatro anos para dar frutos. Na hora da colheita, quando o arrendatário estava para recuperar o investimento, afinal entrara com trabalho, instrumentos, às vezes contratara alegados para cuidar de sua terra, vinha a ordem de despejo. Podia ser uma ordem judicial, mas em muitos casos, era pela força.

Inicialmente, os camponeses buscaram resistir pela via judicial. Não obtendo resultados, a Federação de La Convención, da qual Hugo já era dirigente, passou a orientar a resistência em cima da terra. Um diálogo, descrito por Hugo Blanco entre uma camponesa e um policial, no momento de um despejo era emblemático:

“Senhora: há uma ordem de despejo”. “Quem ousar entrar em minha casa, eu rompo a cabeça com este pedaço de pau!” “Senhora: o juiz deu uma ordem de despejo em favor do fazendeiro.” “Este corno não construiu esta casa! Quem fez fomos eu e meu marido! Quem é este juiz que nem conhece esta casa!” “Senhora: a lei manda que quando o juiz dá uma ordem, temos que executá-la.” “Eu não sei falar, muito menos escrever esta sua língua! Mas digo que quem entrar em minha casa, eu rompo a cabeça com este pedaço de pau!”

O confronto estava posto: de um lado a lei, garantindo o direito do fazendeiro de despejar a família camponesa. Do outro, os camponeses organizados buscando sustentar, aquilo que Thompson chamou de Economia Moral, já que tinham trabalhado duro e viam-se expulsos na hora da colheita. Que justiça era aquela? Os movimentos de resistência levaram a morte de pelo menos um fazendeiro, Pedro Duque. Valentin Paniagua, pai do futuro presidente, Valentin Paniagua, que sucederia a Fujimori no ano 2000, encabeçou um abaixo assinado pedindo nada menos que a pena de morte para os implicados no caso. A Federação já organizada, inclusive apoiando professores em greve, ameaçou com a greve geral.

A greve efetivamente estourou no início de 1962. Este ano, aliás, foi marcado por importantes acontecimentos. No Plano Nacional, um golpe militar liderado pelo general Pérez Godoy, impediu a realização pelo Congresso do segundo turno das eleições presidenciais, que poderiam ser vencidas pelo ex-ditador Manuel Odría (1948-1956), com o apoio de Haya de La Torre. Mudanças significativas davam-se no meio castrense. Militares como o general Edigardo Mercado Jarrín, viam a necessidade da industrialização do país para que pudesse defender-se em melhores condições, fosse dos inimigos externos como o Chile e mais tarde o Brasil, com seus projetos Amazônicos, bem como os internos. Mas como industrializar-se sem mercado interno amplo? A

solução era aquela dada pelos economistas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL): a reforma agrária. Aqui Haya era vetado por sua aliança com as oligarquias.⁵ Quanto às organizações camponesas, Federación Nacional de Campesinos del Perú (Fencap) e Confederación Campesina del Perú (CCP) realizaram congressos nesse ano. Entretanto, as atenções internacionais voltaram-se para La Convención.

Os camponeses declararam-se em greve e a sustentaram por nove meses. Blanco recorda que os dirigentes da Federação de Trabalhadores, vinculada ao PC pró-soviético, taxavam-no de aventureiro, pois não se podia manter uma greve por tanto tempo. Teriam razão se falassem da luta urbana, contudo, no campo era diferente. O arrendatário, bem ou mal, tinha acesso à terra, enquanto não trabalhava para o patrão, ele e sua família se mantinham. “Nem eu me dei conta, mas aquilo já era a Reforma Agrária”.

A reação dos fazendeiros não se fez esperar: ameaças, tiros para o ar, intimidações. Os dirigentes, especialmente em Chalpamayo, área onde Hugo atuava, foram pedir ajuda na delegacia de Polícia. “Índios ladrões! Estão roubando os fazendeiros! Tem o direito de matá-los como a cachorros!” Diante desta situação o jeito foi começar a organizar a autodefesa. “Conseguimos dinamite, mas eu mesmo era tão ignorante que não sabia que eram necessárias mecha e fulminante para explodi-la. Aprendi com o engenheiro de uma obra rodoviária, que nos cedeu o material.” O governo interpretou a mobilização como uma guerrilha e proibiu a venda de armas em Cuzco. “O último capitalista será morto com a bala vendida pelo penúltimo”, recorda Hugo Blanco. Comerciantes de Lima viajaram para Cuzco a fim de realizar bons negócios, vendendo para os dois bandos em luta. Os camponeses coordenaram-se com um capataz de fazenda pecuária, e nunca se comeu carne tão baratinha em La Convención. Com o arrecadado foram compradas mais armas.

A situação se deteriorava e o Gamonal Pilco acompanhado de policiais invadiu a casa de Tiburcio Boloños, um dirigente sindical, pressionando seu filho de onze anos a dizer onde estava seu pai. Como o “niño” não respondesse, tomou a arma do policial e atirou contra a criança, quebrando-lhe o braço. O camponês foi ao sindicato e acordou-

⁵Relativamente a noção de Economia Moral ver: Thompson, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. O diálogo descrito por Hugo blanco entre a camponesa e o policial pode ser visto em Blanco, Hugo. **La Verdadera Historia de la Reforma Agraria**. Lima: Ediciones Lucha Indígena, 2014, P: 4. Sobre a mudança de posição do setores militares ver: MEDRANO, Eduardo Toche. **Guerra Y Democracia. Los Militares Peruanos y la construcción nacional**. Lima. Desco-clacso, 2008, p. 65.

se que se procuraria o fazendeiro para que prestasse contas. Blanco não explica que contas se cobraria do fazendeiro, mas pelo clima de radicalização, um pagamento hospitalar seria insuficiente.

Descreve-nos uma cena de faroeste andino: “Passamos pelo primeiro posto da guarda civil, mas no segundo o policial estava alerta. Expliquei a ele que como tínhamos poucas armas, levaríamos a sua. Ele fingiu que se renderia, mas levou a mão ao bolso. Atirei, do contrário eu era o morto.”

Posto explodido, Hugo ainda soube pelo policial moribundo, que fora ele quem fornecera a arma a Pilco. Em outra escaramuça dois policiais foram mortos. Blanco me recorda que nas manifestações da década de 80 sempre era separado e espancado por ser um "Mata polícia". A partir de então, a Guarda Civil, corporação dos policiais mortos, o queria morto, mas a Polícia de Investigações que rivalizava com aquela instituição, conservou-o vivo ao capturá-lo no início de 1963.⁶

O governo militar instalado em 1962 combinou repressão e cooptação. Se por um lado prendia e mesmo executava dirigentes da luta, legitimou a reforma agrária que os camponeses tinham feito e preparou as bases de uma lei de reforma a ser promulgada depois da nova eleição realizada em 1963, que levou Fernando Belaúnde Terry ao poder. Blanco recorda que quando os funcionários chegaram para anunciar a reforma agrária, os camponeses diziam que ela já estava feita. Enquanto isso, no dia da posse de Belaúnde, camponeses em Pasco e Junín ocupavam terras. Blanco estava preso mas a luta continuaria. Sobre este período escreveu:

“Não fiz a Reforma Agrária, o povo a realizou com sua organização. Quando redigi a lei de reforma, ainda preservava fazendeiros que não fossem abusivos, mas ao final do processo eram cem fazendas expropriadas. Fazendeiros agora iam a Lima para pedir a homologação da reforma feita e não sua reversão, já que pela lei dos militares, ao menos preservariam uma faixa de terras se aceitassem a reforma.”

Hugo seguiria preso para Tacna, Departamento costeiro do Peru, embora a legislação determinasse que o julgamento fosse feito no lugar onde os crimes tivessem ocorrido. Na prisão passou três anos, só podendo receber visitas de parentes próximos. Lembra que não podia falar com sua mãe em Quéchuá, língua muito mais afetiva e que

⁶ Quanto ao combate de La Convención: Ver: Blanco, Hugo depoimento inédito ao grupo liderado pelo professor Fábio Luiz Barbosa dos Santos. Lima, CCP, julho de 2015. Ver também Blanco, Hugo. **La Verdadera Historia de la Reforma Agraria**, Op. Cit., P: 12

usara com “Doña” Victória, desde a infância, já que os guardas não entendiam este idioma.

Enquanto isso, alterações ocorriam na estrutura agrária peruana. Em 1964 um resistente Congresso Nacional aprovou a lei de reforma agrária, Lei nº 15.037, havendo quarenta trâmites entre a desapropriação das terras e a adjudicação aos beneficiários. Marcelino Bustamante, dirigente da Confederación Nacional Agraria, entidade criada pelo regime militar em 1974, reconhecia que para algo a lei servira, já que agora a reforma agrária não podia ser acusada de subversiva, e seria possível reivindicar as terras usurpadas às comunidades. Enrique Mayer observou que quatorze mil famílias foram assentadas entre 1964 e 1968, sendo os estudos feitos pelo órgão responsável pela Reforma, fundamentais para a atuação mais vigorosa do regime de Velasco Alvarado.⁷

Enquanto isso, a vitória da Revolução cubana agitava corações e mentes no país incaico. Já em 1962, o apриста rebelde Luiz de La Puente procurara Hugo Blanco em Chaupmayo, perguntando-lhe quando começariam a luta armada. Hugo, ‘vacinado’ contra centralismos, respondeu que isso decidia o povo. De La Puente retorquiu que era o Partido. Em 1965, sua organização, o Movimiento de Izquierda Revolucionaria tentou fazer de Cuzco, mais precisamente de La Convención, a Sierra Maestra peruana. Blanco recorda que os camponeses não o receberam bem, porque já tinham conquistado a terra, e o que os guerrilheiros conseguiram foi atrair a repressão para a área. Foi fácil para os militares derrotarem a guerrilha, assim como outra liderada por Hector Beja. Entretanto, os homens do Centro de Altos Estudios Militares, similar peruano da Escola Superior de Guerra brasileira, perceberam que a reforma agrária poderia ter um efeito de vacina contra a revolução, já que onde fora feita, os guerrilheiros não obtiveram apoio.

Em 1966, Hugo finalmente foi julgado. A pressão internacional em seu favor era importante e a Anistia Internacional se movimentou por ele. Recebeu uma proposta: “Você está entre os vinte e cinco anos de prisão e a pena de morte. Pode sair, desde que se declare enfermo.” “Estou perfeitamente saudável”, teria respondido Blanco ao emissário do governo. Aceitar seria uma traição aos companheiros e queria aproveitar o julgamento para denunciar seu processo. Afinal, foi julgado e condenado a vinte e cinco

⁷ Sobre a lei de Reforma Agrária ver: MAR, José Matos, MEJÍA, José Manuel. **La Reforma Agraria em el Perú**. Lima: IEP, 1980, p. 121. Quanto à fala de Bustamante Cf: RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. “Da Reforma Agrária à Questão Ambiental: Movimentos Campesinos Peruanos (1947-2009)” In: **Revista Convergência Crítica**. Campos, UFF, 2014, v. 2, n. 4, p. 49. Quanto às desapropriações ver: MAYER, Enrique. **Cuentos Feos de la Reforma Agraria**. Lima: IEP, 2009, p. 58.

anos de prisão, sendo transferido para a Ilha de Fronton, que ficou celebrizada pelo extermínio de duzentos e trinta membros do Sendero Luminoso, em 1986. Era a primeira vez que viajava de avião.

Na prisão, recorda que se entendia bem com os presos. Estava “tapado”, o que significa condenado há muito tempo e sem ter medo de nada. Os chefes dos dois grupos mais perigosos se entendiam bem com ele. Apoiava suas denúncias de violações, denunciava os assassinatos e torturas cometidas contra eles e os apoiava nas greves de fome.⁸

Em 1968, mudanças bruscas ocorreram no país. Um novo golpe militar depôs o presidente Belaúnde Terry. Aparentemente, a reforma agrária não estava na agenda política e sim, a nacionalização da *International Petroleum Company*, já que o governo Belaúnde perdera a página que regulava as indenizações. Mas isso era só aparência. Andrés Luna Vargas, secretário-geral da CCP nos anos 1970 e senador nos anos 1980, recorda que enviou um telegrama, na condição de presidente de sua comunidade, cumprimentando Velasco pela nacionalização e solicitando a reforma agrária.

A reforma viria oito meses depois em meio a protestos estudantis em Ayacucho, pela gratuidade do ensino secundário e boatos de que a Sociedad Nacional Agraria, entidade dos terratenentes, preparava um contragolpe. Os tanques de guerra, que tinham expropriado a Petroleira em Talara, cumpriram uma missão pouco convencional no continente: expropriar fazendas.

O Decreto-Lei nº 17.716 previa um limite a partir do qual as terras podiam ser expropriadas na Costa, e outro na Serra. Na primeira região, as fazendas seriam conservadas com o Estado e organizadas em cooperativas agrárias de produção. Na Serra, fazendas e comunidades lindeiras seriam reunidas em Sociedades Agrícolas de Interesse Social.

Nove milhões de hectares passaram às mãos do Estado e das comunidades em sete anos. Chama atenção a pouca resistência dos terratenentes à expropriação. As versões são múltiplas a respeito. Para Luiz Gamarra Otero, presidente da Sociedad Nacional Agraria, cada fazendeiro achou que tinha um general amigo e não seria expropriado. Hanry Pease Garcia lembra que os proprietários não tinham tanto poderio econômico, posto que a principal fonte de riqueza vinha da mineração e do petróleo. Para Andrés Luna Vargas

⁸ Sobre o julgamento de Hugo Blanco, Ver: CUNEU, **Op. Cit.**, p. 6. Quanto à vida na prisão, entrevista inédita ao autor, em 13 de abril de 2013.

houve proprietários que aceitaram a perda, buscando atuar na indústria, já que receberiam em moeda nacional, e não em bônus.⁹

Já os dirigentes camponeses se dividiam: em nível nacional, a direção da Confederación Campesina, influenciada pelo maoísmo, rejeitou a reforma como terratenente, já que os camponeses teriam de pagar pela terra recebida. Entendiam que a mesma só seria válida depois da Revolução Socialista. As bases procuraram dinamizar ocupações de terras, às vezes bem sucedidas como em Piura e Cajamarca.

Hugo Blanco continuava preso, mas uma mensageira do PC pró-soviético propôs que aceitasse trabalhar para o governo. Rejeitou, mas como Hector Beja fora anistiado, Blanco foi solto. Os presos vibravam e ele se deprimia: parecia que ficavam por sua culpa. Teve problemas psiquiátricos que foram resolvidos com remédios naturais.

Os comunistas insistiram que trabalhasse com Velasco e ele propôs que as comunidades deveriam decidir localmente como seria a organização das terras pós-reforma agrária, parcelação, cooperativa ou comunidade, tudo deveria ser resolvido por elas. “Santo Remédio pedir a um militar, que seja democrático”, ironiza. Enquanto isso as pressões contra ele se avolumavam. Primeiro, não pôde mais sair de Lima, e em 1971 foi deportado.

Analisando este momento, Hugo talvez faça uma conexão muito direta entre sua luta épica em La Convención e o golpe de 1968. “Os militares pensaram que Belaúnde ao não realizar a reforma radical incendiaria o país.” Contudo, as lutas que se esparramavam teriam peso. Hoje, ele sustenta que o menos mal governo do Peru foi o que o deportou, recordando que os governos do chamado socialismo do século XXI, não aprofundaram reformas agrárias nem avançaram com as nacionalizações de mineradoras estrangeiras.

Agora vamos acompanhar Hugo de um exílio a outro: de sua saída do Peru, em 1971, até sua nova saída, em 1992, quando descobrirá o zapatismo.

2 – Do exílio ao Zapatismo: caminhos do revolucionário

“O governo decretou um pacote terrível contra os trabalhadores! Votem por qualquer um, mas participem como um só homem da greve geral”.

Blanco, Hugo La Borrachera Electoral. In: BLANCO, Hugo - Lucha Indígena, Lima, Ediciones Lucha Indígena, Enero, 2016.

⁹ Sobre a lei de reforma agrária ver: MAR, Mejía. **Op. Cit.** p. 143. Quanto à interpretação de Otero, ver RIBEIRO. **Op. Cit.** P. 53. Em relação ao baixo poderio econômico dos fazendeiros CF: GARCÍA, Hanry Pease. **El Ocaso del Poder Oligárquico.** Lima, Desco: 1986, p. 125.

Neste ponto teremos que contar com menos detalhes da vida do revolucionário. Ele é avaro em falar de sua vida pessoal: teve seis filhos: quatro homens e duas mulheres. “Quando nasceu minha primeira filha, um companheiro disse que era melhor que fosse menino, pois continuaria minha luta. Os meninos me amam, mas as meninas tem militância”.

De todo modo sabemos que seu primeiro destino foi o México e, de lá voltou à Argentina. Na Pátria de Che Guevara, buscou unir-se aos trotskistas, não do Exército Revolucionário do Povo, que desenvolvia paralelamente aos montoneiros, uma vigorosa ação armada, mas ao Partido Socialista dos Trabalhadores, pois não acreditava na luta armada sem uma prévia e muito bem preparada conscientização do povo. Entretanto teve pouco tempo para atuar, pois um mês depois foi preso e logo enviado para a prisão política de Villa Devoto. Hugo era um preso muito conhecido e logo o governo do general Alessandro Lanuci decidiu libertá-lo, já que em tempos de crescente guerrilha urbana era melhor liberar-se da incômoda figura.

Livre cruzou os Andes e foi morar em Santiago do Chile, em plena experiência democrática e socialista do governo liderado por Salvador Allende. Ali vinculou-se aos trotskistas do Partido Socialista Revolucionário, atuou junto aos cordões industriais¹⁰ e escreveu para uma revista estadunidense. Hugo compara as experiências das quedas de Perón, em 1955, e de Allende, em 1973: nos dois casos, tentativas de golpe em junho, golpes efetivados em setembro. Na Argentina, quando do levante do general Lonardi, Perón ordenou aos trabalhadores que ficassem em casa. No ensaio geral do golpe chileno, Blanco perguntou onde estavam as armas, com quem falariam. Operários gracejaram: “Isso não é Chalmayo, aqui tem telefone”, mas estava cortado. Allende procurava frear a mobilização popular para não irritar os militares ditos constitucionalistas. O chefe do golpe, Augusto Pinochet, era visto como tal.

O fato de Blanco ser estrangeiro, colocava-o na mira da direita chilena, ainda que esta estivesse muito bem coordenada com o Departamento de Estado dos Estados Unidos da América e com serviços secretos, como os do Brasil. O embaixador sueco informou a Hugo que ele poderia procurar a embaixada de seu país em caso de necessidade. A

¹⁰ Cordões industriais foram organizações comunitárias, que buscaram reativar a produção paralisada pelo *lockout* patronal em outubro de 1972 e tentar evitar o golpe civil-militar em marcha. Hugo trabalhou no cordão Vicuna Maquena, editando o Jornal el Cordonazo, em referência ao Cordobazo, revolta universitária ocorrida na Argentina em 1918.

necessidade fez-se urgentíssima em 11 de setembro de 1973, quando os militares ocuparam cidades e bombardearam o palácio de La Moneda, matando o presidente constitucional Salvador Allende e outras centenas de chilenos. Após incontáveis peripécias, Hugo foi para a embaixada, barbeou-se e recebeu o passaporte com o título de Conselheiro, Lars Blum. Foi sem pronunciar palavra ao aeroporto. Enquanto os militares anunciavam que estava lutando contra o regime, ele já estava no México, pátria que acolhia tantos exilados da pátria grande, nas longas noites dos anos 1960-1970.¹¹

Da pátria asteca Hugo voou para a Suécia. A partir deste país, atuou na denúncia das ditaduras latino-americanas em países como França e Itália. Entretanto, temos poucos dados de sua presença sueca. Laconicamente recorda: era um país capitalista, mas havia muita solidariedade. Lembra que quando jovem, era resistente aos bailes, mas a falta deles na Suécia (as festas nunca terminavam em dança), fez com que ao voltar ao continente, sempre cobrasse um baile após suas palestras, ao som de temas como Cielito Lindo e Guantanamera.

Enquanto Hugo denunciava as ditaduras na Europa e, a partir de 1977, nos Estados Unidos da América e no Canadá, no contexto da eleição do democrata Jimmy Carter à presidência dos EUA, a situação peruana mudava. A doença do general Velasco levou à disputa entre as facções nacionalista e liberal-conservadora do Exército. Em fevereiro de 1975, uma greve policial marcou a desagregação do regime. Blanco ainda tentou coordenar com Hector Beja, um esforço para salvar o regime, mas nada ocorreu. Velasco foi deposto em agosto por seu Ministro da Economia, general Morales Bermúdez. Aparentemente, era apenas uma troca de guarda. O ano de 1976 marcou o maior número de desapropriações, mas também declarou-se o fim da reforma agrária. No plano econômico, cortes de gastos (a dívida externa aumentara dramaticamente) e desinvestimento no setor estatizado. No plano político, repressão à esquerda e aproximação com as ditaduras de direita do Cone Sul. Vale salientar que além da paralisia da reforma agrária, o governo queria cobrar a dívida dos camponeses. Mas como pagar se não tinham crédito? As Confederações camponesa e agrária participaram da greve de 1977 que levou o governo a adotar o Plano Tupac Amará. Na economia confirmavam-se os cortes de gastos. Na política, eleições para uma Constituinte em 1978 e presidenciais em 1980.

¹¹ Quanto a presença de Hugo no Chile ver: Cunew, Martin. **Op. Cit.** Ver também entrevista inédita ao autor, Lima Julho de 2014.

Hugo voltou ao seu país e quando teve espaço na televisão, fez o pronunciamento que abriu este bloco. A resposta do governo foi deportá-lo para a Argentina comandada pelo ditador Jorge Vidella, que desencadeara um genocídio em seu país. O experiente revolucionário recusou-se a pisar solo argentino, alegando ter passaporte sueco. Um jornalista divulgou sua foto e ele pode voltar à Escandinávia.

Nas eleições, foi o terceiro mais votado do país. Levou seu projeto de Constituição nas mãos, mas a Constituinte não foi o que ele queria. A esquerda dividida teve pouca influência, ainda que tivesse um terço dos assentos. De todo modo, a reforma velasquista estava garantida e as comunidades preservaram suas terras.¹²

Nas eleições de 1980 a esquerda marchou superdividida. Hugo Blanco foi candidato à presidência da República pelo Partido Revolucionário dos Trabalhadores, mais para divulgar seu programa. O APRA lançou Armando Villanueva, que sucedia o octogenário Haya de La Torre, morto no ano anterior. O eleito foi Fernando Belaúnde Terry, o mesmo escorraçado em 1968. Blanco foi eleito no mesmo dia para deputado.

Terry voltara para um país em crise. Como no Brasil, os grandes projetos do regime militar, como a Irrigação de Chira-Piura, tinham se desenvolvido com empréstimos no exterior a juros pós-fixados. Os juros dispararam depois dos choques do petróleo de 1973 e 1979. O governo adotou o modelo liberal com novos cortes de orçamento. Para o campo, a Lei de Desenvolvimento Agrário, permitiu a parcelação das terras nas cooperativas e abriu a selva Amazônica ao capital estrangeiro.

No dia da eleição surgiu um problema a mais para o camponês peruano: o Sendero Luminoso. O movimento liderado pelo professor de filosofia Abmael Gusmán, seguindo a linha maoísta, escolhera o meio agrário como ponta de lança de sua Revolução. Começaram eliminando policiais abusivos, estupradores e ladrões de gado, estes últimos um autêntico flagelo para o pequeno cultivador, ganhando certo apoio. Rapidamente passou a agudizar sua estratégia. Dinamitações nas cidades, assassinatos de lideranças camponesas que não se comprometessem com sua luta, e a transformação das áreas por ele controladas em autênticos campos de concentração, já que os camponeses não

¹² Sobre a volta de Hugo ao Peru e sua passagem rápida pela Argentina de Vidella ver: BLANCO, Hugo. **Autobiografía. In: Confederación Campesina Del Perú, Escuelas Campesinas**. Lima: CCP, 2003. Disponível em: http://movimientos.org/es/cloc/ccp/show_text.php3%3Fkey%3D2164 acessado em 29 de dezembro de 2015. Quanto a redemocratização do país ver: RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. “A foice face ao tanque: organizações de trabalhadores rurais frente aos regimes militares no Brasil e no Peru (1961-1988)” In: **Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v.3, p.77 - 98, 2011.

poderiam deixá-las e, menos ainda, vender sua produção para não alimentar o velho Estado. Duro era quando um camponês exclamava: “Mas a batata vai apodrecer!” a resposta era sempre: “O Partido cuida.”

A reação militar efetivou ações genocidas no meio agrário. Hugo denunciava no Parlamento as violações aos direitos humanos. Aliás, quando foi visitar presos senderistas, receberam-no com um “Trotskista filho da puta! Cachorro de Belaúnde!”. No Parlamento foi punido ao qualificar o general Clemente Noel de genocida. Foi afastado por quatro meses. Os repórteres queriam saber o que ele faria: “Trabalhar em fábrica não é possível. Na roça ninguém vai me empregar. Vou vender café.” Com o apoio das cooperativas de pequenos cafeicultores, o mercado central de Lima ganhou o seu mais famoso vendedor de café. “Aqui eu vendo café, no parlamento vendem a pátria!”, dizia aos jornalistas.

Terminado seu mandato em 1985 (ano em que pela primeira vez o APRA chega à presidência da República sob a liderança de Alán García), Hugo, na condição de secretário de organização da Confederación Campesina, foi para Puno onde ajudou a organizar as ocupações de terra por comunidades, que se lançaram contra as empresas estatais entre 1985 e 1987. Mais de um milhão de hectares passaram às comunidades. Entretanto, Hugo e outros dirigentes campesinos ficaram na mira dos serviços de inteligência militar, que aproveitavam a luta do Sendero Luminoso e do menos expressivo Movimento Revolucionário Tupac Amará, para eliminar lideranças de esquerda. Também o Sendero o tinha em mira, porque ele “traía o campesinato, ensinando que havia outra forma de luta que não a armada”, recordando-se que dirigentes das ocupações como Zenóbio Elaya e Porfirio Sune (este último tinha sido libertado após uma campanha internacional) foram abatidos pelo senderismo. Vale salientar que vários dirigentes camponeses com quem tenho conversado viveram esta situação, podendo ser eliminados por terrorismo de acordo com os militares ou acusados de colaboracionismo pelos senderistas.¹³

Terminada a batalha de Puno, Hugo foi para o amazônico Departamento de Hucayalí. Ali o problema não era a luta pela terra, mas cobrar do governo que pagasse o arroz e o milho que tinha comprado aos camponeses. Em fevereiro de 1989 os campesinos realizaram uma greve, o que na Amazônia peruana significa cortar estradas e bloquear

¹³ Sobre a atuação de Hugo Blanco no parlamento ver: depoimento inédito ao professor Fábio Luiz Barbosa dos Santos, Op. Cit. Quanto a sua atuação em Puno ver: CUNEW, Martin. **Op. Cit.**, p. 14.

rios. Com o desabastecimento em Pucallpa, cidade importante do Departamento, o governo negociou. Entretanto, no encontro de celebração na praça central de Pucallpa, 23 camponeses foram assassinados e 28 desaparecidos. Hugo se escondeu na Federação campesina, mas foi preso e espancado. Contudo, um membro da Confederación Campesina acompanhou sua situação e telefonou para a sede, em Lima. De lá telefonou-se para a Anistia Internacional, em Londres. Duas horas depois, mensagens enviadas por telex (aparelhos de transmissão da época) chegavam ao palácio presidencial e Hugo foi solto.¹⁴

Uma hiperinflação de 2000 por cento, uma esquerda superdividida e o crescimento do Sendero Luminoso levaram às eleições de 1990 a polarizar-se entre duas candidaturas neoliberais: a de Mario Vargas Lloza, escritor conhecido, e a do desconhecido engenheiro agrônomo Alberto Fujimori. Num momento em que a América Latina votava fácil em *outsiders* neoliberais, como Fernando Collor, e o argentino Carlos Menem, Fujimori foi eleito. Hugo venceu a eleição para senador.

Em abril de 1992 Fujimori fechou o Congresso, desfechando um golpe de Estado. Hora de privatizar tudo, inclusive as cooperativas agrárias, e facilitar a dissolução das comunidades. Em setembro, o líder senderista Abmael Gusmán foi capturado após um paciente trabalho realizado pelos órgãos de inteligência.¹⁵

Quanto a Hugo, viu-se outra vez ameaçado pelos órgãos de inteligência e pelo Sendero, que tentava refazer-se da queda do líder com ações como o massacre de sessenta e dois membros da etnia Ashaninka na Amazônia peruana, em 1993. “Como não gosto de morrer, fui para o México”. A escolha não foi casual: sua companheira da época era mexicana e tinha dois filhos com ela. Hugo partiu para novo exílio, mas a luta não o abandonaria.

3 – Defesa da Humanidade: nova bandeira do revolucionário

“Dizem que a humanidade é má. A humanidade não é má O problema é o individualismo”.

[Blanco, Hugo – Entrevista inédita ao autor. Lima, 18 de julho de 2014].

¹⁴ Ver: CUNEW, Martín. **Op. Cit.** p. 16.

¹⁵ Vários autores peruanos atribuem a derrota do Sendero, menos a repressão militar do que a resistência movida contra eles pelos camponeses, que viam no exército um mal menor. Em depoimento ao professor Fábio Hugo cita uma campesina que afirmava: “Graças a Deus chegou o exército Companheiro. Sendero nos estava matando muito!” Ver DEGREGORI, Carlos Iván. **Rondas Campesinas e Derrota de Sendero.** Lima: IEP, 1996.

Neste ponto vamos discutir menos os aspectos da movimentada vida de nosso personagem e analisar mais o seu pensamento. Que tipo de sociedade informa hoje as concepções de vida do velho revolucionário.

Hugo exilou-se no México e, em 1994, assistiu ao início da luta armada do Exército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN). Ali encontrou o caminho que informa sua luta atual. Nos princípios zapatistas que ele não se cansa de repetir, estaria a chave para boa parte dos problemas humanos. Hugo participou do Encontro Intergaláctico contra o neoliberalismo e, mais tarde, das *escuelitas* zapatistas.

Voltando a seu país em 1997, pôde participar dos movimentos que, no ano 2000, levaram Alberto Fujimori a renunciar, nem bem cumprira seis meses de seu terceiro mandato. Desde 2006 ele edita sua Revista *Lucha Indígena*. Afirma que passou a editá-la, porque *Voz Campesina*, o jornal da CCP não discutia temas indígenas. Em 2008, quando assessorava camponeses que lutavam contra uma fazendeira, que tentava tomar as terras de sua comunidade em Cuzco, um juiz do interior quis prendê-lo. A mobilização em seu favor levou o ministro do interior a pressionar por sua liberdade, temendo o escândalo internacional, que causaria a detensão de um septuagenário. Não dormiu nenhuma noite na prisão.

Hugo é muito crítico da atual esquerda peruana. Sobre a Frente Ampla, coalizão que em 2016 quase levou a jovem Verónica Mendoza ao segundo turno, explica: “deveriam ter um programa claramente antimineiro. Não se preocupar em ganhar eleições, mas em denunciar o sistema”.

Os princípios zapatistas o encantam: “Obedecer à coletividade, não mandar. Convencer e não vencer. Servir e não servir-se. Propor e não impor. Representar e não suplantar. Descer e não subir. Consumir e não destruir”.

Para ele, os municípios sob controle dos neozapatistas desde 1996 após os acordos de San Andrés, realizam um modelo de governo horizontal, onde os militares cuidam da defesa, mas não do governo, onde os eleitos para postos de governo são não reelegíveis, amovíveis e não ganham mais pelo trabalho que fazem. Não custa lembrar que Lênin, em seu *O Estado e a Revolução* propunha uma estrutura nestes moldes, calcada na experiência da comuna de Paris que durou dois meses em 1871. A participação feminina é valorizada no neozapatismo. Hugo conta de uma companheira que fora eleita, mas estava preocupada porque marido e filhos não sabiam cozinhar. Rapidamente ela os

ensinou e agora dividem o trabalho doméstico com ela. Afinal, Engels não escreveu que a primeira opressão foi a do homem sobre a mulher?

Para Hugo, os povos indígenas, sejam na América, na Austrália ou África, teriam a forma de aproveitar os recursos do planeta sem destruí-los. Conta-nos uma história saborosa: os Chunchos, nome pejorativo como os quéchuas chamam os amazônicos, são preguiçosos. Um fazendeiro ofereceu ao índio um machado pelo corte da floresta. O índio fez o serviço rápido. O fazendeiro propôs dar-lhe outro machado se cortasse um quarto do anterior. “Mas para que quero dois machados se só tenho um braço direito?” Onde o quéchua vê preguiça, Hugo enxerga uma forma de lidar com a natureza sem o desespero de nossa sociedade. Que sociedade é esta em que você tem de ser o mais inteligente, a mais bela, desejar a morte de seus pais para ficar com a herança?¹⁶

Hugo é também crítico do chamado socialismo do século XXI. Para ele, Chávez, Morales e Correa tentaram revoluções de meias medidas, pois não romperam radicalmente com o modelo capitalista, daí vindo o retorno vigoroso das forças de direita. Ele apóia estes governos contra ela, mas lembra, por exemplo, que Morales quer construir na Bolívia uma estrada contra a vontade dos povos originários.

Para Hugo, o maior problema da humanidade e, que só seria equacionado se encontrássemos o caminho indígena, é o aquecimento global. Todos os problemas da humanidade encontram quem se lhes oponha, mas as vítimas do aquecimento global não tem consciência disso. Afinal, ele causa os furacões nos Estados Unidos da América, as secas na Amazônia e outros desastres. Os dirigentes das Transnacionais até poderão derramar algumas lágrimas por saberem que seus netos não terão água, mas isso não lhes importa. “Antes eu lutava pela reforma agrária, agora luto pela sobrevivência de minha espécie. O planeta viverá bem sem a gente, mas precisamos viver nele”.¹⁷

Hugo não esqueceu seu passado de lutador camponês. Lembra que os primeiros geneticistas foram os camponeses. Daí sua posição radical contra a mineração a céu aberto, tanto porque contamina, como porque rouba água aos agricultores. Rejeita o agronegócio, pois tenta homogeneizar a agricultura, sendo que o camponês historicamente mantém a pluralidade de cultivos. Apóia vivamente os movimentos de resistência antimineira, que o governo e a mídia peruana chamam terrorismo antimineiro.

¹⁶ Sobre a estrutura de governo dos neozapatistas organizada nas áreas controladas por eles em Chiapas ver: BLANCO, Hugo. **Construamos um Mundo Nuevo**. Lima: Lucha Indígena, 2014, p. 4. Quanto à visão dele sobre nossa sociedade Cf: Entrevista inédita ao autor, Lima, 18 de julho de 2014.

¹⁷ Ver: BLANCO, Hugo. **Callentamiento Global**. Lima: Ediciones Lucha Indígena, 2014.

Tal situação se agravou muito depois do Massacre de Bágua, na Amazônia, em 5 de junho de 2009. Ali o governo tentou desocupar estradas onde os indígenas protestavam contra decretos que cediam suas terras a petroleiras e mineradoras. O resultado foi um número não calculado de camponeses (fala-se entre 10, número oficial e 200) e 24 policiais mortos. A partir daqui prefeitos que se opõem às mineradoras são perseguidos, entretanto, as rondas campesinas, as mesmas que combateram o Sendero e antes reprimiram ladrões de gado, lançam-se agora contra mineradores. Hugo aliás vê nesta forma de organização uma boa alternativa à corrupta estrutura policial de seu país.¹⁸

Quanto ao trotskismo o velho combatente não se desfez de suas origens. “Continuo acreditando que há que armar o povo com a necessidade de armar-se. Há, agora os Espartambos, que usam armas rudimentares. Não há problema: saberão o que fazer.” Entretanto, distanciou-se da Quarta Internacional. “Para que diabos queremos uma IV Internacional, se ela foi formada contra a política da União Soviética, agora que a União soviética acabou?” participa de um grupo chamado Povos em Caminho que realiza discussões na internet.

Hugo acredita na horizontalidade, numa sociedade que seria irreconhecível, posto que fundada na partilha, e não na acumulação. Recorre à dialética para fundamentar seu ponto de vista: as sociedades indígenas seriam a tese, as divididas em castas e classes a antítese, e a síntese seria a atualização das sociedades indígenas, com o que puder ser aproveitado da sociedade atual.

Avalia que embora as Transnacionais controlem o executivo, o legislativo, o judiciário, a mídia e as forças armadas do Planeta, os que podem vir a rejeitar seu modelo perfazem noventa e nove por cento da população. São os indignados da Espanha, os que votaram contra o pagamento da dívida na Grécia, as mulheres de Kobani, na Síria, que expulsaram o Estado Islâmico (aliás, uma criação do Império), ou mesmo aqueles jovens que no Brasil desencadearam o movimento, que redundou nas manifestações de 2013.¹⁹ Rejeitando o centralismo, crendo na mobilização popular e numa nova sociedade, que

¹⁸ As rondas Campesinas foram organizadas a partir dos anos 1970, inicialmente para combate ao roubo de gado, no departamento de Cajamarca. Ao longo dos anos 1980 enquanto na serra sul e Amazônia combateram o Sendero, na serra norte ganharam funções de administração da Justiça comunitária. Atualmente mantêm esta função, mas também atuam no questionamento de projetos mineiros, como o Conga No Vá, quando todo Departamento de Cajamarca ergueu-se contra o projeto mineiro. Ver: RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. Justiça, Resistência e Mobilização: Rondas Campesinas no Peru (1976-2012). In: RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk, Secreto, María Verónica. **Agrarismos: Ensaios de Sociologia e História Rural**. Rio de Janeiro, Mauad, 2017, no prelo.

¹⁹BLANCO, Hugo. **Construamos um mundo Nuevo**. Op. Cit. P: 8.

partisse daquilo que os índios nos mostram, este octogenário tem uma visão radical e utópica, mas não no sentido que estas palavras costumam ter. Radical, porque visaria comover as raízes de um sistema corroído. Utópica no sentido dado por Eduardo Galeano, a utopia é o que nos faz avançar. Desta maneira continua seu caminho na busca de uma sociedade distinta.

Conclusão

Analisar a longa e movimentada trajetória deste indígena por opção, homem de classe média, que abraçou posturas rupturistas, é uma tarefa tão dura quanto necessária. Claro que precisamos lembrar que muito do que ele nos conta está vinculado à memória que, normalmente se liga ao afeto, mas é uma experiência que entendo vale ser refletida. Partindo de sua infância remediada no interior de Cuzco, passando pela militância trotskista, luta por reforma agrária, e tantas outras peripécias, hoje o vemos na luta ambiental que se entrelaça àquela originária. Hugo pensa numa sociedade diversificada, que ele expressa ao lembrar que o orgulho do camponês andino, quando perguntado, que produz seu povoado, é responder: "Completo!", querendo dizer que a produção é variada. Imagina uma sociedade tão distinta que talvez não nos reconhecêssemos nela, basta pensar no que ele fala sobre herança. Contudo entendemos que é uma trajetória que vale ser analisada. Foi o que buscamos fazer, dentro dos limites deste trabalho.